

# **A Ética do Amor ou o fracasso da ética: Uma proposta kierkegaardiana**

**Walace Alexander A. Cruz \***

## **Resumo**

Nosso artigo objetiva lidar com o problema da ética na perspectiva de Søren Kierkegaard. Retomamos linhas gerais dos dois paradigmas éticos postos, a saber, Aristóteles e Kant. Identificamos elementos que nos permitem apontar convergências e divergências entre ambos os autores e o filósofo dinamarquês. Refletimos nesse trabalho sobre o que denominamos de uma ética do amor como projeto kierkegaardiano pressupondo um fracasso do racionalismo tanto quanto da liberdade, por si só, em resolver o problema sobre a ética na relação do homem consigo mesmo e com o mundo que o cerca.

**Palavras-chave:** Ética. Amor. Kierkegaard. Liberdade. Racionalismo.

## **Abstract**

Our paper aims to deal with the problem of ethics from Søren Kierkegaard's perspective. We resume general lines of the two ethical paradigms, namely, Aristotle and Kant. We identify elements that allow us to point out convergences and divergences between both authors and the Danish philosopher. We reflect in this paper on what we call an ethics of love as a

---

\* Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Especialista em Psicanálise pela Faculdade Batista de Minas Gerais; Licenciado em História pela PUC-MINAS.

Kierkegaardian project, assuming a failure of rationalism as well as of freedom, by themselves, to solve the problem of ethics in the relationship of man with himself and with the world around him.

**Keywords:** Ethic. Love. Kierkegaard. Freedom. Rationalism.

## Introdução

A Ética desde a Grécia Antiga tornou-se um dos problemas de importância central refletido e discutido na tradição filosófica. A questão ética lida diretamente com a relação homem-mundo, quer dizer, como devo agir e por que devo agir de tal forma em detrimento de outra. É um problema histórico e correntemente atualizado. Há de se considerar que o desafio de pensar uma ética surge de crises paradigmáticas.

Se de um lado, a moderna ciência com o modelo heliocêntrico nos revelou que nosso planeta se move em torno do sol, de outro, a humanidade que reside nesse planeta também se move. É testemunho histórico e objeto de reflexão filosófica que o homem é um ser em metamorfose. Na esfera biológica, psíquica e comportamental o homem prossegue numa caminhada de autotransformação e, por conseguinte, em reinvenções do seu mundo.

Entretanto, se cada qual em decorrência de suas transformações agisse a seu modo de ser e entender, qual destino teria nossa sociedade? Supomos que desembocaríamos em um mundo anarquicamente desorganizado, em colapso. Assim, grosso modo, a Ética se propõe como um organizador da vida em sociedade. Um dispositivo regulamentador da vida comunitária, um tipo de instância superior que pavimenta a possibilidade de um convívio humano a despeito de todas as diferenças que nos marcam.

Em filosofia temos dois modelos clássicos que propõem e norteiam a reflexão sobre a Ética: o aristotélico a partir da obra *Ética a Nicômaco* e o kantiano a partir da obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (posteriormente também sua *Metafísica dos Costumes*)<sup>1</sup>. Em linhas gerais, podemos considerar que todos os pensadores que refletiram sobre o problema ético precisaram retomar ambos.

Søren Kierkegaard (1813-1855), teólogo e filósofo dinamarquês do século XIX nasceu nove anos após o falecimento de Immanuel Kant (1804) e quando adulto pode o ler ainda fresco. É preciso considerar que o escopo do pensamento de Kierkegaard não está na reflexão sobre a Ética. O pensador de Copenhague em seu *Post-scriptum* deixa claro que sua filosofia é uma investigação sobre a tarefa de tornar si mesmo diante de Deus. No

---

<sup>1</sup> Podemos citar também a *Crítica da Razão Prática*.

contexto de uma Dinamarca que pensava massificadamente o homem, Kierkegaard quer indicar sua singularidade, o que Jung posteriormente denominaria de individuação. Dentro desse horizonte, do tornar-se indivíduo é que o filósofo dinamarquês perpassa a questão sobre a Ética.

Mas o filósofo dinamarquês não perde de vista, entretanto, os dois filósofos que lançaram os fundamentos da reflexão ética. Temos elementos que interligam Kierkegaard à discussão que o precede, mas, também que apontam novas reflexões e críticas sobre a Ética. É possível definir, no campo, ético Kierkegaard como um aristotélico ou kantiano? Ou temos elementos que corroboram para a tese de que o pensador de Copenhague propõe novos apontamentos para a discussão ética?

## 1. Ética na perspectiva kierkegaardiana

Kierkegaard era um filósofo que contestava a ideia de um *sistema* filosófico tal como o de Friedrich Hegel (1770-1831). Era um filósofo que contestava a filosofia como um saber que se detivesse *apenas* no campo do especulativo, do abstrato. A denominação que recebeu posteriormente de patrono do Existencialismo<sup>2</sup> se assenta no empreendimento de Kierkegaard de libertar a filosofia das correntes do idealismo e deitá-la sobre a existência; a realidade efetiva do sujeito. Assim, o pensador nórdico aponta um projeto filosófico para o homem, indica caminhos para que ele pudesse tornar-se si mesmo.

Segundo o filósofo de Copenhague “tornar-se subjetivo é a mais alta tarefa posta a todo ser humano” (KIERKEGAARD, 2013, p.165). Decorre daí a preocupação de nosso autor, com a individualidade<sup>3</sup>. Há de se lembrar do contexto com o qual nosso autor dialoga, uma Europa tomada pelo Idealismo-Racionalista de um lado, e o Materialismo-Ateu de outro. O homem era pensado idealisticamente ou como átomo insigne de um proletariado revolucionário. Em sua tese *O conceito de Ironia* (1841) Kierkegaard retoma Sócrates e a questão posta ao filósofo grego “*Conhece-te a ti mesmo*”. Quem eu sou é uma pergunta que se reveste de importância salutar para Kierkegaard. Quem é o *indivíduo*, ele ainda existe nessa sociedade idealista ou massificada?

O filósofo dinamarquês propõe uma crítica à Ética no sentido de que ela poderia ser um dispositivo que se insurgia contra esta empresa (tornar-se um indivíduo). Como observa Miranda e Valls, no entender de Kierkegaard “a Ética é o universal” (MIRANDA E VALLS, 2007, p.34-35). E sim, essa é a proposta ética, uma instância de validade e regulamentação

---

<sup>2</sup> Deve-se considerar que estudiosos de Kierkegaard questionam seriamente esta designação, a começar pelo fato de que o *Existencialismo* é um sistema filosófico, o que contradiz o próprio autor que contestava filosofias sistêmicas.

<sup>3</sup> Importante chamar atenção ao fato de que Kierkegaard em nenhum momento aponta para um individualismo como equivocadamente poderia se deduzir. Individualidade em Kierkegaard é um conceito fundamental que em nenhum momento incorre no individualismo.

universal. O pensador de Copenhague reconhece que a ética é “uma construção toda humana, ciência imanente ao homem” (REGINA, 2016, p.277), mas no contexto da preocupação com a individualidade humana<sup>4</sup>, quer dizer, suas singularidades, a Ética ou um projeto de Ética universal se constituem um problema no entender do filósofo.

Para Kierkegaard, “aquilo de que o mundo talvez tenha sempre carecido é o que se poderia chamar de individualidades autênticas, subjetividades decididas” (KIERKEGAARD, 2013, p.68). Nesse sentido, a Ética é problemática considerando-a como um dispositivo que padroniza, modula, universaliza. Significa que a Ética como um padronizador social corresponderia, em alguma medida, num demolidor de individualidades.

Para um filósofo, cuja descoberta do homem enquanto indivíduo é fundamental, a Ética entendida como a sociedade inserida dentro do homem que reproduz padrões estabelecidos é vista de modo depreciativo. Jonas Ross pontua que “a pessoa ética não apenas cumpre a Lei, mas se identifica com ela” (ROSS, 2021, p.127). Nesse ponto cabe lembrar Henri Bergson “é a sociedade que traça ao indivíduo o programa da sua existência” (BERGSON, 2005, p.31). Segundo Bergson, o eu individual se constituía como uma manifestação do eu social (BERGSON, 2005, p.28). A Ética é um desses mecanismos que, em certa medida, anularia as individualidades.

Considerando que toda Ética (ou Moral)<sup>5</sup> é normativa, portanto, impõe uma obrigação e prescreve modos comportamentais (o como devemos agir), na perspectiva de Kierkegaard isso é problemático. Aristóteles pensava a Ética em chave teleológica. Ainda que não determinada, mas havia um “para quê”, quer dizer, uma finalidade na existência. É onde se consolida o conceito de *eudaimonia*, felicidade. Segundo Aristóteles “a felicidade, portanto, mostra-se como alguma coisa completa e autossuficiente, a finalidade de todas as ações” (ARISTÓTELES, 2014, p.58). A finalidade da vida era a felicidade. Felicidade não era a autorrealização de prazeres, mas o cumprimento da atividade própria que distinguia e caracterizava o homem enquanto espécie, a razão. Significa, portanto, agir conforme a natureza, conforme aquilo que somos; ser racional. Portanto, torno-me virtuoso, passo a agir bem a partir da reta-razão, objetivando a mediania.

Kierkegaard vem na esteira de uma filosofia moderna; entretanto, é complexo nesse ponto, posicionarmos Kierkegaard em relação à ética. No projeto do tornar-se si mesmo que o autor nórdico põe ao homem, na relação homem-Absoluto, parece-nos haver elementos teleológicos. Se por um lado Kierkegaard contesta Aristóteles quanto ao fato de que essa finalidade seria a *eudaimonia*. Por outro, o tornar-se si mesmo no mergulho que o sujeito dá no Absoluto soa fortemente com tons teleológicos. Entretanto, quando analisada estritamente a questão Ética, então esse

---

<sup>4</sup> Contemporaneamente poderíamos falar também em preocupação identitária ou o preconceito etnocêntrico.

<sup>5</sup> Na filosofia de Kierkegaard não encontramos uma distinção entre Ética e Moral.

elemento teleológico não consta. É caro a Kierkegaard o conceito de liberdade precedendo inclusive à razão como entendida por Aristóteles.

Em sua *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* Kant contesta Aristóteles. Nega uma natureza humana, o que significaria que o homem, assim, seria naturalmente determinado. Para Kant o que constitui a humanidade do homem é a sua liberdade, logo, se para Aristóteles o homem se realiza enquanto cumpre sua natureza, para Kant o homem só pode realizar-se por contrariar sua eventual natureza. É por ser livre que o homem é um ser moral. Deste modo, é o homem mesmo que cria e se submete à lei que não é dada por algum objeto externo a ele.

Encontramos assim um ponto de encontro que nos permite acreditar numa proximidade maior de Kierkegaard com a ideia de Ética defendida por Kant. O filósofo dinamarquês parte da liberdade como elemento fundamental na condição humana. A existência é dada ao homem como possibilidade do tornar-se, o homem não é natureza, é possibilidade. Como possibilidade pode construir-se e contrariar instâncias postas por qualquer externalidade.

Segundo o pseudônimo Anti-Climacus “o homem é uma síntese de infinito e finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese” (KIERKEGAARD, 2010, p.25). Ao longo de *Doença Mortal* (1849) Kierkegaard desenvolve o conceito de *síntese*, quer dizer, vir-a-ser, abertura, o não determinado; liberdade cuja angústia indica a possibilidade.

Segundo Aristóteles “a função do ser humano é o exercício das faculdades da alma em conformidade com a razão ou não dissociativamente da razão” (ARISTÓTELES, 2014, p.59). Kierkegaard nega a razão como teleologia da existência humana. Nega inclusive, que seja a razão a condutora do homem a uma vida feliz (felicidade entendida no sentido aristotélico). Para além, o pensador de Copenhague contesta, inclusive, a capacidade de justificação da moral pela racionalidade. Segundo observa MacIntyre, Kierkegaard considera que “o projeto de dar justificação racional à moralidade falhou” (GIMENES, 2016, p.126). Lidamos aqui, com uma dimensão-ética proposta então por Kierkegaard, a espiritualidade, mais especificamente, a cristã.

## **2. Amor-Cristão (Agape) como projeto ético**

Kierkegaard não nega a razão como elemento que compõe a distinção do homem enquanto espécie, tanto quanto, não nega também a liberdade como dispositivo fundamental da condição humana. Mas passado o auge do racionalismo como fenômeno histórico-filosófico, o pensador de Copenhague aponta que a racionalidade não deu conta de um projeto ético que satisfizesse a necessidade humana. Apesar da razão, mesmo

chegado à sua fase madura, a Ética ainda era um problema insolúvel, algo que escapava à razão.

A liberdade constituinte do homem enquanto ser singular podia, entretanto, desembocar em um tipo de sociedade anárquica. Ou ainda, pavimentar o caminho de um subjetivismo excludente de qualquer ética cujo resultado seria um niilismo absoluto. Ademais, a própria Ética enquanto dispositivo de normatização (e padronização social) entrava em choque com as individualidades de cada homem no esforço de tornar-se si mesmo. Qual seria uma possível solução ao embaraçoso problema proposto?

O pensador de Copenhague apela então, a uma dimensão transcendente como elemento distintivo do homem "a espiritualidade é a verdadeira especificidade do homem, aquilo que o distingue absolutamente do animal" (FARAGO, 2011, p.88). Admite-se a razão e a liberdade, mas é na espiritualidade que o homem pode enfim, tornar-se si mesmo, pode ainda, pensar uma Ética capaz de dar conta do problema humano em relação com o mundo. Como observa Farago "a originalidade de Kierkegaard reside no ter posto a fé no lugar da razão suprassensível como supremo princípio de humanização" (FARAGO, 2011, p.66).

Em sua *As obras do Amor* (1847) Kierkegaard propõe "o amor cristão como imperativo ético" (REGINA, 2016, p.277-278). É que para o filósofo dinamarquês, como apontava Paulo "o amor é o vínculo da perfeição" (Colossenses 3,15). Significa que uma ética que não se fundasse no amor permaneceria um ensaio especulativo que pouco representaria na realidade prática. Kierkegaard criticava os paradigmas ético-rationais como algo que se constituía como "mera especulação" (GIMENES, 2016, p.124). A ética kierkegaardiana era "uma obra a ser realizada no mundo" (GIMENES, 2016, p.124) e não meramente a ser refletida no âmbito das ideias.

Mas se o amor era a resposta prática ao problema ético, para o filósofo dinamarquês, "o amor não se alcançava pela razão" (GIMENES, 2016, p.125). Kierkegaard, leitor de Pascal, tinha em mente o axioma de que o amor tem razões que a própria razão desconhece. Não significa que o amor se fundasse na irracionalidade, mas, em um ponto fixo que transcendia à própria racionalidade. Por isso, Kierkegaard, teólogo cristão, defende a essência do cristianismo como escândalo e uma tentativa de racionalizá-lo como traição.

Uma Ética racionalmente construída não pode ser amorosamente praticada. Na perspectiva racional a ética se interliga, por exemplo, à ideia de justiça. Grosso modo, a justiça lida com a equitativa medida. Consideremos o modelo "olho por olho e dente por dente" (Levítico 24,20), grosso modo, é razoavelmente racional e justo tal axioma. Na ética-cristã, a contraposto, "o amor se sobrepõe à justiça" (Tiago 2,13b); como observa Márcio Gimenes "amar pressupõe perdoar e ignorar [...], a racionalidade indica o oposto. Desde Platão, uma das melhores imagens da racionalidade filosófica se assenta no dom da visão" (GIMENES 2016, p.126).

Para Kierkegaard, Cristo é a própria encarnação do Amor e de uma ética-amorosa. Consideramos que quando Kant pensa numa lei moral, cuja característica fundamental seja o desinteresse, tenha, em boa medida, se alimentado de sua fonte cristã. Nesse aspecto, Kierkegaard e Kant se encontram novamente. De algum modo se infere que ambos tenham bebido nas mesmas fontes.

### 3. Kierkegaard: Aristotélico ou Kantiano?

Considerando o material filosófico produzido por Kierkegaard no que diz respeito ao tema da ética, não podemos considera-lo, *stricto senso*, um aristotélico ou kantiano. Observamos que sua perspectiva ética contrasta mais nitidamente da aristotélica. Em Aristóteles há um *télos* na vida ética, a saber, a *eudaimonia*. O pensador dinamarquês não considera a ética perpassada por uma teleologia.

Outro elemento que contraria Aristóteles em Kierkegaard é a ideia de uma natureza humana. Nisso, Kierkegaard se aproxima de Kant. Para o filósofo dinamarquês o conceito de natureza humana abarcaria não somente uma *necessidade*, mas também um *determinismo*, o que colide com um dos conceitos fundamentais para ele, o de liberdade.

Ainda que considere a importância da razão na condição humana, Kierkegaard também discorda de Aristóteles na razão como aquilo que distingue o homem. Em Kant é a liberdade tal elemento sumamente distintivo que proporciona ao homem, inclusive, contrariar uma eventual natureza. Significa que o homem só pode ser moral porque é livre. Segundo Márcio Gimenes, a ética proposta por Kierkegaard “busca superar tanto a ética grega como se diferenciar de uma ética de cunho mais kantiano, bebendo para tanto, nas fontes evangélicas” (GIMENES, 2016, P.114). Assim, percebemos uma oposição mais clara de Kierkegaard da ética aristotélica, e alguma aproximação, ainda que não necessariamente identificação com a perspectiva de Kant.

Todavia, em Kierkegaard temos um projeto ético que vai para além de Aristóteles e Kant. No pensamento kierkegaardiano, o *amor* é o fundamento da ética. Não o amor entendido ao modo platônico ou aristotélico. É o amor em chave de leitura cristã, o amor *ágape*. Kierkegaard critica a razão que Aristóteles exaltava como caminho para a realização plena do homem. Para Kierkegaard “o amor não pode ser alcançado pela razão” (GIMENES, 2014, p.125). Segundo Gimenes, em Kierkegaard, a ética “parece caminhar na mão contrária do critério de uma dada racionalidade” (GIMENES, 2014, p.126).

Chamamos atenção para não se considerar Kierkegaard um irracionalista, é o próprio autor que contesta tal alcunha (KIERKEGAARD, 2016, p.43). É que para o autor dinamarquês a insolubilidade da questão ética é, dentre outros, elemento comprobatório da incapacidade da razão

de dar conta, *por si*, do problema. Kierkegaard aponta para a *fé*, aquela que se funda no *imperativo evangélico*. Se o imperativo categórico de Kant tem sua raiz na razão, o de Kierkegaard tem na fé cristã. Há no pensador de Copenhague tanto quanto no alemão, um *imperativo*. O *Tú debes amar* é o imperativo evangélico que baliza o pensamento ético kierkegaardiano. É que a razão permanece limitada, em processo evolutivo inconcluso, sujeito as maleabilidades do tempo; é mutável, influenciada pelo seu contexto.

A *fé* se origina no Eterno. O *imperativo evangélico* para o qual Kierkegaard chama atenção não é produto do tempo, portanto, não se altera a despeito do tempo, cultura, lugar ou ideário. O *Tú debes amar* permanece imutável tal qual a fonte de onde ele se origina. Kierkegaard avalia que se o amor em perspectiva platônica ou aristotélica tem condições e distinções, na ética-amorosa não. O sujeito do imperativo é o *próximo*.

Se tomarmos a narrativa do Evangelho sobre a *Parábola do Bom Samaritano* (Lucas 10,25-37) quem era o próximo? Um inimigo histórico daqueles que deveriam amá-lo. Uma ética-racional é incapaz no parecer de Kierkegaard de conduzir na prática a amar um inimigo. O pensador de Copenhague pondera: "crê-se que para um homem seja impossível amar seu inimigo, ai, pois afinal os inimigos nem suportam enxergar-se mutuamente. Pois bem, então fecha os olhos, assim o inimigo se assemelhará ao próximo". (KIERKEGAARD, 2005, p.89).

Em Kierkegaard considera-se que a ética fundada na razão não dá conta da divergência e do problema que o homem-mundo é. Quando a razão suspende, só o amor sustenta. Para o filósofo dinamarquês o modelo de amor grego é egoísta, assim, ainda que construa conceitualmente uma ética ideal, na prática, falha. Enquanto Kierkegaard considera que o amor, o "bem supremo no cristianismo é prático e, por isso ético" (GIMENES, 2014, p.119).

Em Kant, na sua *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, temos duas proposições fundamentais. A primeira aponta que se age bem quando se age por dever. A segunda que o dever vale por si mesmo, quer dizer, não objetiva alcançar nada em compensação. Nesse aspecto temos um encontro entre Kierkegaard e Kant. Para o filósofo dinamarquês a ética-amorosa que propõe é um *dever prático desinteressado*. Significa que *Tú debes amar o próximo porque é um dever*. A fonte kantiana é a liberdade utilizando-se da razão; é um imperativo da razão no bojo da liberdade. A fonte kierkegaardiana é o próprio Deus encarnado, cuja essência é o amor. Deus que é amor põe ao cristão o dever de amar como imperativo evangélico.

## **Considerações finais**

Nesse artigo lidamos com o problema da *Ética*. *Problema* porque ainda é inconcluso e aberto. Uma discussão que diz respeito ao homem enquanto

tal e simultaneamente sua relação com o mundo que o cerca. Aristóteles e Kant foram canonizados como modelos paradigmáticos para pensar a ética. Conceitos como razão e liberdade são fundamentais para uma reflexão sobre o problema posto. Na esteira de ambos pensadores vieram e ainda surgem diversos outros que os retomam para propor apontamentos sobre o insistente problema da Ética. Contemporaneamente já se fala em um projeto de Ética mundial<sup>6</sup>.

Søren Kierkegaard, a despeito de ter como núcleo do seu pensamento a relação do eu com o Absoluto, transita pela discussão ética. No contexto das filosofias que fervilhavam em seu tempo, o pensador nórdico lida com ressalvas sobre a Ética. Resguardando sua filosofia que propõe ao homem o tornar-se si mesmo, a Ética aparentava ser mais um dispositivo de homogeneização e padronização de comportamentos sociais. Mais um dos braços da tentativa de massificação humana.

Entrementes, Kierkegaard não quer absolutamente negar todo e qualquer projeto ético. Critica o racionalismo como mecanismo que fracassou em tal empresa, tanto quanto assinala os riscos da liberdade, por si, em proporcionar uma ética que proteja as singularidades e simultaneamente, atenda a vida em comunidade.

Assim que Kierkegaard aponta o *amor-cristão* (ágape) como ética-prática desinteressada, única capaz, segundo o autor de solucionar o problema da Ética ou de uma proposta de convívio ético-humano-universal. Universal porque pode percorrer os mais distintos lugares e culturas, mas ainda assim, não é universalizante, porque não é demolidor das singularidades individuais ou comunitário-étnicas.

Para Kierkegaard é no imperativo evangélico do *Tú debes amar o próximo*, quer dizer, numa ética-amorosa que o homem pode ser si mesmo e ao mesmo tempo permitir ao próximo ser ele mesmo. O amor não é dissolvente, demolidor, aculturador ou universalizante; é ética encarnada. A despeito do quão utópico possa parecer, Kierkegaard concorda com Paulo que "o amor é o vínculo da perfeição" (Cl 3,15), sem tal ética, não há vínculo que mantenha os homens absolutamente interligados.

## Referências

ALMEIDA, Jorge Miranda de. VALLS, Álvaro L.M. *Kierkegaard*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014.

---

<sup>6</sup> Esse é, inclusive, o título de um livro do teólogo ecumênico Hans KÜNG. No Brasil publicado pela Editora Paulinas em 1993. Hoje personalidades como o Papa Francisco e o Dalai Lama se inserem nesse projeto.

- BERGSON, Henri. *As duas Fontes da Moral e da Religião*. Coimbra: Almedina. 2005.
- FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Tradução Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução Paulo Quintela. São Paulo: Edições 70, 2007.
- KIERKEGAARD, Søren. *As obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Tradução de Álvaro L.M. Valls- Bragança Paulista: Editora Universitária, Vozes, 2013.
- KIERKEGAARD, Søren. *O conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates*. Tradução Álvaro L.M. Valls. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- KIERKEGAARD, Søren. *Pós-Escritos às Migalhas filosóficas*. Vol. I. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida- Petrópolis: Vozes, 2013. (Coleção Pensamento Humano).
- KIERKEGAARD, Søren. *Pós-Escritos às Migalhas filosóficas, vol. II*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida- Petrópolis: Vozes, 2016. (Coleção Pensamento Humano).
- PAULA, Márcio Gimenes de. *Kierkegaard em diálogo com a tradição filosófica*. São Paulo: Editora Intermeios, 2016.
- REGINA, Umberto. *Kierkegaard*. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2016. (Série Pensamento Dinâmico).
- ROOS, Jonas. *10 lições sobre Kierkegaard*. Petrópolis: Vozes, 2021. (Coleção 10 lições).